

Silence land



Continuo em frente ao computador, digitando feito louco. Estou aqui há três horas, escrevendo num *word* estéril, falando com as paredes, salvando a cada cinco linhas com medo das quedas de energia. É a única coisa que posso fazer. No começo, deixava MSN, *email*, tudo aberto.

Tinha esperança. Hoje abri só o maldito *word*, esse deserto solitário. A cada letrinha que coloco na tela, me sinto um pouco menos sozinho.

Se eu tiver coragem, talvez no final imprima e vá atrás de uma *lan house*, em busca de um espaço na parede.

É isso o que elas viraram: entrepostos de blogueiros desconectados, ilhas de comunicação num mundo debilitado. Você simplesmente entrega seu “blog” dentro de um envelope com um bilhete especificando se autoriza a publicação dos comentários ou se deseja aprová-los primeiro. Os comentários chegam por meio de bloquinhos de *post-it* que, no caso de *blogs* de comentários livres, você simplesmente gruda abaixo do “post”. No caso de *blogs* com autorização prévia, você deixa seu comentário no balcão, para que ele seja encaminhado para o autor do *blog*. Dadas as circunstâncias, a maioria das pessoas simplesmente liberou os comentários. Em teoria, a ideia é boa. Na prática, a coisa é capenga. Claro que todo mundo que está ali para ler é autor também. Então você nunca sabe se o autor do *blog* que você está lendo está parado bem do seu lado, sendo que não existe nada mais constrangedor que ler um “blog” tendo o autor ali, vendo que você está no *blog* dele. Na verdade eu não sei o que é pior: ler o *blog* de alguém na cara da pessoa

ou ver a cara das pessoas que leem seu *blog*. É tudo muito promíscuo. Por isso, até hoje, só fui para ler. E mesmo assim, primeiro tomo o cuidado de ler o cardápio de *blogs* disponíveis. Só entro se for *blog* de gente desconhecida, o que é um saco, pois o que eu queria mesmo é ler os *blogs* que lia antes. Mas aí tem um problema de logística, saber onde estão esses *blogs*. O *blog* de uma mina de Brasília, por exemplo, que estava entre os meus favoritos: esquece. O *blog* de um brasileiro que mora em Londres, mesma coisa. O *blog* de uma mulher de vinte e dois anos que eu nem imagino onde mora. Talvez seja aqui mesmo em São Paulo. Mas onde vive essa mulher? Será que ela está postando em paredes? Será que está viva? Tem um monte de gente que simplesmente está morrendo. Falta de água, comida, essas coisas mais básicas.

Estou decepcionado com o colapso da civilização humana. Do jeito que está, não chega a ser caos absoluto. Não estou vendo ninguém entrar em supermercados e se servir de potes de Häagen-dazs. No meu colapso ideal, faríamos do mundo um *self-service* sem limite. Isso, claro, na fase inicial. Uma vez que consumíssemos tudo, até a última gota, fugiríamos para campos, bosques e florestas, onde, aí sim,

seria um pega-para-capar. Seria o fim da hierarquia socioeconômica, o fim do domínio de adultos sobre crianças, pais sobre filhos, chefes sobre empregados, ricos sobre pobres. Cada um por si e Deus nem aí. Voltaríamos a viver em tribos. Não faço a menor questão de liderança. Sei que não tenho perfil para isso. Pode até parecer ridículo, mas tenho esse desejo secreto de fazer parte de uma comunidade. Uma comunidade de verdade, que senta em volta da fogueira e divide a carne de um boi que alguém matou numa fazenda. Dormiríamos grudados uns nos outros, com facas debaixo do travesseiro. Faríamos rondas durante a noite. Comunidade mesmo, de sobrevivência. Nada a ver com a comunidade “Me chamo Shirley e sou feliz”.



Resolvido. Hoje vou para uma *lan house*, postar em paredes.



Escolho uma que fica a dois quarteirões de casa e cobra um real pela hora de exibição. No começo, ela cobrava uma diária de três re-

ais. Seu *blog* ficava na parede por doze horas. Mas isso não funcionou. Logo perceberam que é muito tempo para um *blog* ficar ali, sem atualização, durante doze horas direto, ocupando espaço enquanto uma fila de pessoas quer “postar” desesperadamente. Agora cobram por hora. Primeiro dou uma olhada nos outros *blogs* que estão ali, porque isso é uma coisa importante a ser levada em consideração. Você pode queimar totalmente seu filme dependendo do lugar onde você “posta”. O primeiro que leio é de uma menina que não consegue mais falar com sua melhor amiga virtual. Não sabe onde ela mora, não tem seu telefone, nem mesmo seu nome completo. As duas têm oito anos de idade. Ela assina como Carol. Só. Carol que procura desesperadamente por Tati. É óbvio que Carol é a menina gordinha de boné vermelho virado para trás que está parada ali na porta, olhando o movimento da rua como quem espera uma carona que pode vir de qualquer direção. Ela está agarrada à mãe. “Vamos, filha.” A mãe já está de saco cheio. “Espera só mais um pouquinho, mãe.” Reparo melhor no *blog*. Na se-

ção de comentários, tem um da própria mãe. “Por favor, ajude a Carol. Faça uma xerox desse *post* e leve-o com você. Espalhe esse pedido. Minha filha perdeu a melhor amiga e talvez você possa nos ajudar.”

O pedido me lembra os cartazes de bichos de estimação em fuga. Outro dia vi um que quase me matou de rir. “Nossa passarinha fugiu. Se você a vir, por favor, entre em contato pelo telefone ...”. Embaixo, a foto de um canário amarelo.

O *blog* seguinte é de uma aspirante a modelo cuja impressora está precisando de cartuchos novos. Nas fotos ela está verde. Mesmo assim está lá, verde e firme na parede, olhando diretamente para a câmera com cara de quem sofre, lânguida. Acho que já vi essa menina antes. Perceber isso me deixa perturbado. Afasto-me daquela parede e, ao me dirigir à outra, muito discretamente, dou uma olhada para as pessoas à minha volta. Ninguém fica olhando um para a cara do outro. Todo mundo preferiria que os outros sumissem daqui. Então, de rabo de olho, identifico um *blog* que faz meu coração disparar. No quadradinho preto, acima dele, leio: “Zaza Zoo”. Ele é um dos poucos *links* de “Montanha-russa”, o *blog* da Duna. Se houvesse o mínimo de tecnologia nesse lugar, bastaria que eu encostasse o dedo nos *links*

de Zaza Zoo e seria imediatamente transportado para onde preciso ir. Mas é só um pedaço de papel morto. Nem que fosse para descobrir que Duna está feliz e contente com seu namorado, na praia, de bunda para cima, ignorando o inferno pelo qual, nós, o resto do mundo, passamos. Essa alternativa, aliás, é bem a cara da Duna. Ir para a praia com um namorado ignorante, de dezoito anos, enquanto eu fico perambulando pela cidade feito um tarado atrás de um *post* de parede que seja, e o governo entra em paralisia completa.

Lady Zaza, autora do Zaza Zoo, escreve que quer que o mundo se dane porque no fundo não temos ninguém, nunca pudemos confiar em ninguém, e que agora, nesses tempos de silêncio e escuridão, vamos sentir aquilo que ela conheceu desde sempre. “O mundo sempre esteve equivocado. Brilhando à toa. Piscando e reluzindo sem motivo. *Welcome to silence land.*” O texto me dá calafrios. Sem querer, me viro para trás e dou de cara com uma gótica sentada num canto. Lady Zaza, com certeza. Ela viu que eu li. Levanta-se e pede licença para a galera que está se amontoando para chegar ao caixa. De uma hora para a outra o lugar ficou lotado. Todos querem saber a que horas vai

ter espaço disponível. Um homem de cerca de quarenta anos reclama que certo *blog* está lá há mais de três horas sem comentários. Desisto de postar meu texto. Sempre olhando para meus próprios pés, peço licença e caio fora.



Não consigo me afastar mais que um quarteirão. Paro em frente a uma oficina mecânica e fico pensando na Lady Zaza. Ela me dá medo. Um medo convidativo de trem-fantasma. Atravesso a rua e vou andando de volta em direção à *lan house*. Se ela não fosse tão gótica, branca e não usasse tanta maquiagem, eu bem que podia puxar um papinho à toa, tentar descobrir alguma coisa sobre Duna, assim como quem não quer nada. Meto as mãos nos bolsos e, muito devagarinho, passo em frente à *lan house*, pela calçada oposta. Em vez de olhar para lá, fico olhando para a vitrine de uma farmácia. Vejo que Lady Zaza está olhando para mim porque na farmácia tem um espelho, pelo qual dou graças a Deus. É fato: ela não tira os olhos de mim. Já entendeu

tudo. Não sei o que fazer. Sigo andando e dobro a esquina. Sou uma besta, mesmo. Agora não consigo mais vê-la. Lady Zaza era meu único contato com Duna. Isso, claro, considerando que essa mina seja mesmo a tal da Lady Zaza, e que ela conheça Duna. E mesmo que conheça, o que ela pode fazer? Me passar o endereço da casa da Duna? Agora, nesse mundo de silêncio e escuridão, o único contato possível é o pessoal, e isso eu não consigo. Nunca consegui. Saio correndo.

Mais uma vez, corro que nem um desvairado, de mochila nas costas e calça jeans. Nada a ver com pessoas que correm pelo condicionamento físico. Minhas corridas são de desespero mesmo, de gente que corre da polícia. Se eu continuar correndo desse jeito, qualquer hora vou preso. Mas agora também não consigo parar. Você pensaria que, com o estranho hábito de sair correndo pela cidade, eu já teria pelo menos desenvolvido algum tipo de técnica, como os maratonistas, que começam na maciota e depois ganham velocidade. Que nada. Sou movido pela necessidade inútil de escapar do mundo que parou.